

**OS SUFIXOS: -EIRO, -OR, -NTE E -ISTA
NO AUTO DA ALMA E NO AUTO DA COMPADECIDA**

Nilsa Areán-García (GMHP USP)
nilsa.arean@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar de forma comparativa as palavras formadas com os sufixos *-eiro(a)*, *-or*, *-nte* e *-ista*, que são encontradas no *Auto da Alma*, obra de autoria de Gil Vicente e datada em 1518 (século XVI), e *Auto da Compadecida*, obra de Ariano Suassuna e datada em 1955 (século XX), a título ilustrativo, para verificar como se comportam ao longo dos séculos tais formações.

Palavras-chave: Sufixos. Derivação. Formação de palavras.

1. Introdução

Neste breve estudo, observamos a formação de nomes agentivos por meio da sufixação, sejam na formação de nomes que designam objetos, designam profissionais ou outros agentes. Convém lembrar que o termo nome agentivo, deve ser entendido, neste estudo, do ponto de vista mais amplo possível, não apenas no caso de nome de profissionais, porém também no caso de nomes instrumentais, aos quais não se aplica o requisito de voluntariedade, mas que tem em comum com os profissionais o exercício de uma função ou uma ação. Nota-se também que, nestes casos, as formações derivadas eram inicialmente, em geral, adjetivos, que com a frequência de uso isolada, ou seja, com elipse dos substantivos de referência, acabaram cristalizando-se como substantivos, por exemplo: *profissional dentista*, *profissional cozinheiro*, *profissional varredor*, *profissional negociante*. Dentre os sufixos notionais que derivam nomes agentivos, escolheu-se para tal: *-eiro(a)*, *-or*, *-nte* e *-ista*.

Assim, preliminarmente, situa-se cada sufixo no âmbito da língua portuguesa e posteriormente faz-se um estudo comparativo de suas produções, utilizando como *corpus* duas obras de teatro: *Auto da Alma*, escrita por Gil Vicente em 1518 (século XVI) e *Auto da Compadecida*, escrita por Ariano Suassuna em 1955 (século XX). Deste modo, com a finalidade comparativa, escolheram-se duas obras de mesmo gênero, cuja linguagem, embora escrita, aproxima-se da oralidade apresentando um estilo simples e coloquial. Assim, o que as distanciam é o período em que foram compostas, uma no século XVI e outra no século XX. Para compa-

rá-las, então, é feito um cômputo e um estudo da ocorrência de palavras formadas com os sufixos em questão em cada obra. Para, posteriormente, efetivamente se proceder à análise comparativa destas ocorrências e tentar justificá-las.

2. O sufixo *-eiro(a)*

O sufixo *-eiro(a)*, de acordo com Viaro (2008), é proveniente do sufixo latino *-arius, -aria, -arium*, que no latim já era um sufixo muito produtivo como formador de adjetivos. No próprio latim, este sufixo se tornou um formador de substantivos. Sob a forma *-arius*, o sufixo derivava substantivos significando 'o que /quem produz e/ou negocia, cuida, trata de; objeto designado pelo radical' e, como tal, já era produtivo na designação de agentes e profissionais, por exemplo, *ferrarius* 'ferreiro'. Já, na forma *-aria, -arium*, o sufixo foi produtivo na derivação de substantivos significando 'lugar, local, receptáculo; relativo ao radical', por exemplo, *caldarium* 'casa de banho' ou *caldaria* 'caldeira'. E, dada a sua grande produtividade na formação de palavras no latim, estendeu-se para formações em outros campos semânticos, por exemplo, *denarius* 'dinheiro'.

Ao passar para o português, este sufixo latino deu origem a dois sufixos: *-ário(a)* e *-eiro(a)*, e, de modo análogo, deu origem a seus cognatos nas demais línguas românicas. O sufixo *-eiro(a)*, no português, já é muito produtivo e encontrado desde os primórdios da língua. Dada sua grande produtividade, segundo Viaro (2007, p. 45-84), abrange, atualmente, várias categorias semânticas:

1) adjetivos caracterizadores; 2) gentílicos; 3) tendência, gosto ou propensão; 4) adjetivos pejorativos; 5) substantivos agentivos; 6) substantivos indicadores de posse; 7) instrumentos;	8) locativos ou recipientes; 9) árvores frutíferas; 10) coletivos e intensidade; 11) frequência em atividades [ou ações]; 12) doenças; 13) efeitos abstratos etc.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Devido à sua diversidade de noções semânticas e sua flexibilidade combinatória é um dos sufixos mais empregados no processo derivacional da língua portuguesa.

Quanto à formação *nomina agentis*:

Pelo fato de ser aplicado à uma base denominal, o sufixo nominaliza o agente que exerce uma determinada ação sobre o objeto nomeado na base. As-

sim, uma regra de formação é N + *-eiro*, na qual N é a base denominal e uma paráfrase de sua formação seria 'que V N', que pratica uma ação V relacionada com o objeto N, no qual V é um verbo no presente do indicativo e N é o nome do objeto. (AREÁN-GARCÍA, 2009, p. 1583-1584).

De acordo com as datações obtidas por meio do dicionário Houaiss (2001), as formações *nomina agentis* com o sufixo *-eiro(a)* são encontradas na língua portuguesa desde o século XI.

3. O sufixo *-or*

O sufixo nominal *-or* é originário, de acordo com Pharies (2002, p. 169) do sufixo latino *-oris*, que era aplicado ao particípio perfeito dos verbos latinos formando nomes, muitas vezes, substantivos que provêm de adjetivos, com noção de qualidade, prosperidade ou maneira de ser.

A formação em *-or*, na maioria dos casos, corresponde em português aos substantivos que caracterizam um ser pelo exercício ou prática de uma ação. Por exemplo, na palavra *observador* tem-se um indivíduo caracterizado pela ação de *observar*. Pode-se notar que há muitas palavras terminadas em *-dor*, *-tor*, *-sor*, *-or*, nas quais se observa que as consoantes *d*, *t*, *s*, pertencem a temas do particípio passado. Assim, as palavras formadas com o sufixo *-or*, tomam como base da derivação a formação participial passada do verbo, ou seja, da ação que caracteriza o substantivo formado. Com o sufixo formam-se, então, nomes de agentes, por exemplo, *amador*, *roedor*, *sofredor*, *observador*, e em alguns casos transfere-se o sentido do nome da pessoa-agente para o nome do objeto-agente, caracterizado pela prática da ação, por exemplo, *aspirador*, *aquecedor*, *regador*.

Quanto à formação *nomina agentis*:

Pelo fato de ser aplicado à uma base de particípio passado, o sufixo nominaliza o agente de uma ação que vem sendo praticada, ou seja, uma ação já iniciada desde um passado. Assim, uma regra de formação é V + *-or*, na qual V é um verbo em particípio passado e uma paráfrase de sua formação seria 'que tem V (particípio passado)'. Por exemplo, *fumador* indica 'quem tem *fumado*' (*fumado* + *-or*). Por indicar uma ação já iniciada desde um passado, o sufixo *-or*, em uma análise mais pragmática, culmina na indicação de uma experiência, competência e trajetória do agente na ação indicada pelo verbo. Quicá tal indicação tenha sido responsável pela ampla utilização de *-or* na formação de nomes de profissionais. (AREÁN-GARCÍA, 2009, p. 1581-1581).

De acordo com as datações obtidas por meio de Houaiss (2001), as formações *nomina agentis* com o sufixo *-or* são encontradas na língua portuguesa desde o século XII.

4. O sufixo *-nte*

O sufixo *-nte*, de acordo com Pharies (2002, p. 84-85) provém da desinência latina *-ns*, *-ntis*, que designava a forma do particípio presente ativo nos verbos. Portanto trata-se de uma desinência verbal que adquiriu o caráter de sufixo em muitas línguas românicas, dentre elas o português, no qual se mantêm quase que de forma intacta, se comparado à forma latina. Assim, na primeira conjugação latina: *-are* > *-(a)ns*, *-(a)ntis*; na segunda e na terceira conjugação latina: *-ere* > *-(e)ns*, *-(e)ntis*; na quarta conjugação do latim: *-ire* > *-(e)(i)ns*, *-(e)(i)ntis*. Então, em português, o sufixo assume as formas: *-ante* para os verbos da primeira conjugação e *-ente* para os da segunda e terceira, embora, a partir do século XIV, alguns verbos da terceira conjugação passaram a desenvolver a forma *-inte*, explicando os casos de: *referir* > *referente* e *ouvir* > *ouvinte*. Convém notar que há palavras no léxico do português que vieram diretamente do latim, daí exemplos como: *seguinte* e *sequente*; *nutrir* e *nutriente*; *receber* e *receptiente*.

Quanto à categoria semântica, *-nte* pode formar, em geral, adjetivos (*delirante*, *fervente*) e substantivos agentivos (*ajudante*, *calmante*), embora a preposição *durante*, o advérbio *bastante* e a conjunção *consoante* também sejam exemplos de suas formações.

Quanto à formação *nomina agentis*:

Pelo fato de ser aplicado a uma base de particípio presente, o sufixo nominaliza o agente de uma ação que é praticada no presente. Assim, uma regra de formação é *V + -nte*, na qual *V* é um verbo no tempo presente do indicativo e uma paráfrase de sua formação seria 'que *V* (presente do indicativo)'. Em alguns casos, ainda, sua significação pode ser equivalente a um gerúndio. Por exemplo, *fumante* indica 'que ou quem *fuma*' (*fuma + -nte*), em alguns casos: 'quem está *fumando*', ou seja o sufixo caracteriza um agente atual no decurso de sua ação. (AREÁN-GARCÍA, 2009, p. 1582-1583).

De acordo com as datações obtidas por meio de Houaiss (2001), as formações *nomina agentis* com o sufixo *-nte* são encontradas na língua portuguesa desde o século XIII.

5. O sufixo *-ista*

Conforme Pharies (2002, p. 358), *-ista* é um sufixo culto proveniente da terminação grega, *-istes*, que a partir de radicais nominais deriva nomes agentivos que designam, por um lado pessoas que exercem uma profissão ou ofício, e por outro, partidários de doutrinas de vários tipos.

Quanto à formação *nomina agentis*:

Analogamente ao *-eiro*, pelo fato de ser aplicado à uma base denominal, o sufixo *-ista* nominaliza o agente que exerce uma determinada ação sobre o objeto nomeado na base. Assim, uma regra de formação é $N + -ista$, na qual N é a base denominal e uma paráfrase de sua formação seria 'que V N', que pratica uma ação V relacionada com o objeto N, no qual V é um verbo no presente do indicativo e N é o nome do objeto. (AREÁN-GARCÍA, 2009, p. 1584).

Embora já tenhamos palavras no âmbito eclesiástico, tais como: evangelista, batista e organista, desde os primórdios da língua portuguesa (...) as primeiras produções com o sufixo efetivamente na língua se dão a partir do século XVI, durante o período das navegações e descobertas marítimas, porém com a designação gentilícia (...) é somente a partir do século XIX, ou seja, três séculos mais tarde, que o sufixo *-ista* se mostra produtivo na formação *nomina agentis* na língua portuguesa. (AREÁN-GARCÍA, 2012, p. 2476).

6. O sufixo *-eiro(a)* nas duas obras teatrais

No *Auto da Alma*, foram encontradas quatro palavras formadas com o sufixo *-eiro(a)* seguidas de suas datações, entre parêntesis, de acordo com o Houaiss (2001): *caminheiro* (1391), *cozinheira* (1326), *estalajadeira* (séc. XIV), *herdeiro* (séc. XIII). No *Auto da Compadecida*, foram encontradas dez palavras formadas com *-eiro(a)*: *cangaceiro* (1899), *carpinteiro* (1375), *catimbozeiro* (séc. XX), *chocadeira* (1899), *companheiro* (1297), *herdeiro* (séc. XIII), *lavadeira* (1813), *padeiro* (séc. XIII), *padroeiro* (séc. XIII), *vaqueiro* (1059).

Observa-se que todas as formações são agentivas, ainda que *chocadeira* seja um instrumento, a palavra pode ser considerada como instrumento-agente. Além disso, à exceção de *chocadeira*, as demais palavras referem-se a seres humanos, dentre os quais: *cozinheira*, *estalajadeira*, *cangaceiro*, *carpinteiro*, *lavadeira*, *padeiro* e *vaqueiro* designam profissionais.

Também, pode-se notar que a palavra *herdeiro* aparece nas duas peças sem alteração semântica, ou seja, se manteve com o mesmo significado durante quatro séculos e o mantém até hoje. A palavra *cozinheira*,

que aparece na peça *Auto da Alma* (século XVI), também se manteve até os dias atuais com o mesmo significado. Ao passo que a palavra *estala-jadeira* está em desuso, um dos motivos é o de que sua base, *estalagem*, deixou de ser usada em favor de *hospedaria*, *pousada* ou *albergue*. A palavra *caminheiro* é usada no *Auto da Alma* (século XVI) como o agente do verbo *caminhar*, ou seja, 'quem caminha', identificando-se aqui uma ligeira mudança semântica ocorrida na palavra no decorrer dos séculos, pois atualmente apresenta o sentido de 'andarilho, quem caminha muito'.

Em o *Auto da Compadecida*, com exceção das palavras: *canga-ceiro*, *catimbozeiro*, *chocadeira* e *lavadeira*, as demais palavras formadas com o sufixo *-eiro(a)* datam do século XIV (*carpinteiro*), do século XIII (*companheiro*, *herdeiro*, *padeiro*, *padroeiro*) e do século XI (*vaqueiro*) e continuam com a mesma designação semântica original.

7. O sufixo *-or* nas duas obras teatrais

No *Auto da Alma* (séc. XVI), foram encontradas nove palavras formadas com o sufixo *-or*: *criador* (séc. XIII), *defensor* (1344), *doutor* (séc. XIII), *emperador* (séc. XIII), *matador* (séc. XIII), *pecador* (séc. XIII), *redentor* (1485), *rogador* (séc. XIII), *tentador* (séc. XV). Na obra *Auto da Compadecida* (séc. XX), foram encontradas quinze palavras formadas com o sufixo *-or*: *administrador* (séc. XIII), *antecessor* (séc. XIII), *apaziguador* (1551), *ator* (1532), *benfeitor* (séc. XVI), *doutor* (séc. XIII), *encenador* (1766), *ensaaiador* (séc. XV), *merecedor* (séc. XIV), *morredor* (1812), *pastor* (1188), *portador* (1275), *promotor* (1619), *sangrador* (1209), *trabalhador* (séc. XIV).

Observou-se que todas as formações são agentivas e com designação de seres humanos. No *Auto da Alma* encontrou-se apenas uma delas com a designação de profissional: *emperador*; ao passo que no *Auto da Compadecida* foram encontradas cinco palavras com a designação de profissional: *administrador*, *ator*, *pastor*, *promotor*, *trabalhador*.

Pode-se notar que, no *Auto da Alma*, quase todas as palavras formadas com o sufixo *-or* são do século XIII, à exceção de *defensor* (séc. XIV), *redentor* (séc. XV) e *tentador* (séc. XV). No *Auto da Compadecida* encontra-se uma variedade de datações dentre as palavras formadas com o sufixo *-or*, desde uma palavra do século XII (*pastor*), cinco palavras do século XIII (*administrador*, *antecessor*, *doutor*, *portador* e *sangrador*), duas do século XIV (*merecedor* e *trabalhador*), uma palavra do

século XV (*ensaiador*), três palavras datadas do século XVI (*apaziguador*, *ator* e *benfeitor*), uma do século XVII (*promotor*), uma palavra datada do século XVIII (*encenador*), até uma do século XIX (*morredor*). Tal variedade pode indicar a significativa produtividade do sufixo *-or* na formação *nomina agentis* na língua portuguesa, desde o século XII até os tempos atuais.

Convém notar que a palavra *doutor*, datada do século XIII, aparece nas duas peças teatrais, porém com diferenças semânticas significativas. Na obra de Gil Vicente (século XVI), a palavra *doutor* é utilizada com a significação de 'pessoa sábia e de grande conhecimento erudito', ao passo que na obra de Ariano Suassuna (1955) a palavra *doutor* é utilizada quase como um pronome de tratamento para identificar alguém pertencente a uma classe social privilegiada. Com exceção da palavra *doutor*, as demais palavras formadas com o sufixo *-or* e empregadas nas duas obras continuam com os mesmos significados de sua primeira datação.

8. O sufixo *-nte* nas duas obras teatrais

No *Auto da Alma* (séc. XVI), foi encontrada uma única palavra formada com o sufixo *-nte*: *caminhante* (séc. XIV). No *Auto da Compadecida* (séc. XX), foram encontradas quatro palavras formadas com o sufixo *-nte*: *ajudante* (séc. XIV), *negociante* (1682), *presidente* (séc. XV) e *protestante* (1660).

Observa-se que todas as formações são agentivas e com designação de seres humanos. No *Auto da Compadecida* encontram-se três palavras com a designação de profissional: *ajudante*, *negociante* e *presidente*.

Nota-se que a formação com o sufixo *-nte* encontrada no *Auto da Alma*, data do século XIV, ao passo que as formações encontradas no *Auto da Compadecida* datam do século XIV, XV e XVII.

Nota-se, também, que as palavras formadas com o sufixo *-nte* e empregadas nas duas obras continuam com os mesmos significados de sua primeira datação.

Observou-se que na peça *Auto da Alma*, do século XVI, aparece a palavra *caminhante*, mas também a palavra *caminheiro*. Aparentemente as duas formas são sinônimas no texto de Gil Vicente, não obstante, a palavra formada com o sufixo *-eiro(a)* seja encontrada na fala das personagens e a formação com o sufixo *-nte* seja encontrada no discurso do nar-

rador. Possivelmente *caminheiro* fosse uma forma mais coloquial e encontrada na oralidade, ao passo que *caminhante* poderia ser uma forma mais polida. Sabe-se que hoje as duas formas não são sinônimas, pois existe uma sutil diferença em seus significados: *caminhante* significa 'quem caminha' e *caminheiro* 'quem caminha muito', apontando para o fator intensidade que hoje é denotado pelo sufixo *-eiro(a)*.

9. Considerações sobre os dados obtidos

Inicialmente, convém observar que a peça o *Auto da Alma*, de autoria de Gil Vicente (1518), apresenta um total de três mil e trezentos e sessenta palavras, ao passo que a peça o *Auto da Compadecida*, de autoria de Ariano Suassuna (1955), apresenta vinte e sete mil e trezentos e cinquenta palavras. Nota-se, então, que não apenas as peças, com os séculos, podem se tornar mais longas pelo tratamento de vários assuntos, como também devido ao maior número de palavras disponíveis no léxico. Assim, desde o século XVI até o século XX, houve um significativo aumento no léxico da língua portuguesa, promovendo a possibilidade de crescimento do tamanho de textos sem a repetição das mesmas palavras.

Pode-se notar que, a exceção da palavra *estalajadeira*, que atualmente está em desuso, *caminheiro* e *doutor*, as demais palavras são usadas desde as suas datações até os dias de hoje mantendo suas significações semânticas. Assim, pode-se inferir que, embora haja vários processos de formação de palavras, processos de desgaste e alterações semânticas, a língua mostra-se muito conservadora na sua alteração lexical, pois a maior parte das palavras abordadas manteve a mesma significação semântica durante o intervalo de quatro séculos, do século XVI ao XX.

Neste estudo, notou-se que as formações com os sufixos *-eiro(a)*, *-or* e *-nte* além de se mostrarem *nomina agentis*, também apresentam o traço [+ humano]. Além disso, pode-se observar que o maior número de palavras agentivas encontradas foram as formações com o sufixo *-or*, indicando a sua significativa produtividade na formação *nomina agentis* no português representado pelo texto de Gil Vicente como também no representado pelo texto de Ariano Suassuna e, portanto, uma produtividade independente do período. Notou-se, ainda, que as formações com o sufixo *-eiro(a)* destacam-se na designação de profissionais, tanto no *Auto da Alma* (século XVI) como no *Auto da Compadecida* (século XX), ou seja, também de forma independente do período. Embora mais timidamente por serem mais recentes na língua, as formações com o sufixo *-nte* tam-

bém se concentram na formação de nomes de profissionais, ainda que o sufixo *-eiro(a)* seja mais antigo neste âmbito de produções.

Convém notar que não foram encontradas formações com o sufixo *-ista* nas obras utilizadas como *corpus*. No século XVI, quando Gil Vicente escreveu a sua obra, conforme já citado, as palavras sufixadas com *-ista* da língua portuguesa designavam gentílicos. As formações *nomina agentis* com o sufixo começaram a entrar no português a partir do século XIX, com traduções que vieram a se incorporar à linguagem técnica, acadêmica e científica no português. Ainda assim, como são palavras de forma mais culta, ainda hoje não apresentam uma produtividade alta nos meios de fala popular. Devido à isto, no *Auto da Compadecida*, de 1955, tampouco aparecem formações com *-ista*, embora na peça apareçam vários nomes de profissionais, as personagens pertencem a um contexto pouco urbano, no qual não há os profissionais denotados pelo sufixo culto que indica profissionais especializados.

10. Considerações finais

Com o estudo feito depreende-se, então, que há vários sufixos que podem designar a mesma função, entretanto no processo linguístico, alguns apresentam preferência ante outros. Por exemplo, no português paulistano, o agente que manobra veículos é designado pelo nome de *manobrista*, mas pelas regras de formação de palavras poderia ser: *manobrador*, *manobrente* ou mesmo *manobreiro*. Segundo Sandmann (1991, p. 75), neste caso “está-se frente a uma situação de conflito entre o sistema e o uso; o sistema permite mais de uma forma, o uso, porém, consagra e privilegia uma”.

Conforme foi visto nos exemplos estudados, havia duas palavras para designar o agente que caminha: *caminheiro* e *caminhante*. Com o decorrer do tempo houve uma modificação no sentido de uma das vertentes utilizada e houve a diferenciação semântica entre elas. Sucedeu o mesmo com as duas palavras que designam o agente que trabalha: *trabalhadora* e *trabalhadeira*, que apresentam atualmente sentidos diferentes. Assim, quando há concorrência semântica entre as palavras o uso encarrega-se com o passar do tempo em consagrar e privilegiar uma forma e alterar o sentido semântico das outras para diferenciá-las. Não obstante, muitas vezes a forma cristalizada pode não corresponder à forma teoricamente esperada, devido às mais diversas influências sofridas no decorrer do processo linguístico.

Se por um lado, há vários sufixos que podem designar a mesma função semântica, por outro lado, um mesmo sufixo pode ser polissêmico. O que aparentemente poderia formar um caos na comunicação, o uso resolve por meio dos mais variados processos, desde as acomodações fonéticas até processos extralinguísticos, que conforme pudemos ilustrar com o trabalho, ocorre ao longo de séculos.

Apesar de termos vários sufixos na língua com a mesma função que podem atuar sobre a mesma base, as formações não serão sinônimas, pois cada sufixo tem o seu âmbito semântico de atuação bem definido, ademais, a própria “idade” do sufixo apresenta um traço semântico que será incorporado às suas formações, seja como pejoratividade e/ou como conservadorismo, ou ainda como fator estilístico frente a outros usos. (AREÁN-GARCÍA, 2012, p. 2482)

Assim, como conclusão, cita-se Basílio (2001, p. 80), “a formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado”. Dessa forma, o significado de uma palavra não está apenas em sua raiz, mas também pode estar no sufixo e no uso empregado, sujeito às preferências linguísticas. Estas preferências são reflexos de fenômenos culturais, sociais, políticos etc. e atuam na frequência das palavras, bem como, na produtividade dos sufixos que possam estar envolvidos em suas constituições, podendo provocar a cristalização lexical pelo uso e motivar as diferenças nas vertentes usadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. A variedade regional na sufixação. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIII, N. 04 *Anais do XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 1573-1586. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/a_variedad_e_regional_na_sufixacao_NILSA.pdf. Acesso em: abril de 2013.

_____. A formação de nomes de profissionais a partir do sufixo *-ista*. XVI Congresso Internacional da ALFAL, 2012, Alcalá de Henares. Cestero Mancera, Ana M., Molina Martos, Isabel y Paredes García, Florentino (Eds.) (2012), La lengua, lugar de encuentro. *Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal*. Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012, p. 2475-2483. Disponível em:

<<http://alfal2011.mundoalfal.org/#/pdf/280alfal.pdf>>. Acesso em: abril de 2013.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2001.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles*. Madrid: Gredos, 2002.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. 15. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa. MASSINI-CAGLIARI, Gladis et alii. (Org.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, p. 45-84.

_____. Os sufixos *-eiro* e *-ário*: história de morfemas divergentes. LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V. L. (Orgs.). *A Língua Portuguesa no Mundo – I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH USP, 2008, v. 2, CD-ROM.

VICENTE, Luis (Org.). *Auto da Alma. Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente*. 1562. Disponível em:

<<http://www.usp.br/gmhp/corp/s16.zip>>. Acesso em: abril de 2013.